

EDUCAÇÃO NUTRICIONAL NA ESCOLA: DESAFIOS NAS AULAS DE CIÊNCIAS

Clívia Rolemberg Andrade¹
Universidade Federal de Sergipe
cliviabio@yahoo.com.br

Lívia de Rezende Cardoso²
Universidade Federal de Sergipe
livinha.bio@gmail.com

RESUMO

A Educação Nutricional cria estratégias pedagógicas objetivando a busca por hábitos alimentares saudáveis para a promoção de saúde e bem-estar. O presente trabalho teve como objetivo analisar em que medida a Educação Nutricional é trabalhada pelos professores de Ciências de escolas da rede municipal de Aracaju. A pesquisa traz o enfoque qualitativo, tendo a entrevista semi-estruturada com dez professores de Ciências da rede municipal como instrumento de coleta de dados, visando obter resultados significativos. Concluiu-se que os professores têm consciência da importância da Educação Nutricional, mas necessitam de cursos de formação neste aspecto por demonstrarem erros conceituais e deficiências metodológicas. Além disso, devem aliar o conteúdo à realidade do aluno, inserir experimentos e recursos didáticos diversificados, procurando aprender e colocar em prática os benefícios trazidos pelos estudos nessa área.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Educação Nutricional; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The Nutrition Education creates pedagogical strategies objectifying the search for healthful alimentary habits to promotion the health and well-being. The present work had the objective to analyze what measured the Nutricional Education is worked by Sciences professors of schools of web Aracaju city. The research brings the qualitative approach, having the interview half structuralized with ten Sciences professors of citys web as instrument of collection of data, aiming at to get resulted significant. It was concluded that the professors have conscience of the importance of the Nutricional Education, but need courses of formation in this aspect for demonstrating to conceptual errors and deficiencies. Moreover, they must unite the content to the reality of the pupil, to insert diversified experiments and didactic resources, looking for learning and to place in practical the benefits brought for the studies in this area.

Keywords: Sciences Teaching; Nutrition Education; Pedagogical Practical.

¹ Mestranda em Biotecnologia pela Universidade Federal de Sergipe.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, componente do Grupo de Estudos e Pesquisa Currículos e Culturas.

INTRODUÇÃO

A Educação Nutricional (EN) tem como objetivo discutir sobre hábitos saudáveis aos discentes. Isto porque, busca desenvolver estratégias pedagógicas a fim de esclarecer o estudante sobre as vantagens e desvantagens acerca das escolhas alimentares feitas no dia a dia. Segundo Boog (2004), ela desenvolve estratégias sistematizadas para acesso a uma alimentação qualitativa e quantitativamente adequada, objetivando saúde, prazer e convívio social. A escola é um espaço onde o estudante passa um tempo significativo para estudar, sendo, portanto, considerado um lugar propício a desempenhar diversos trabalhos na área da nutrição que promovam a saúde e o bem-estar. Assim, ao integrar alunos e familiares, professores, funcionários e profissionais da saúde, a escola se torna um ambiente ideal para realizar atividades educativas, proporcionando um núcleo de promoção de saúde local (COSTA, RIBEIRO e RIBEIRO, 2001).

Da mesma forma, é importante ressaltar que a função do professor do ensino fundamental em ministrar aulas de EN lhes confere responsabilidade em se manter atualizado com relação aos temas de nutrição abordados em sala de aula. Por esta razão, a educação do professor é o primeiro passo para estimular a formação de hábitos alimentares saudáveis no ambiente escolar. (DAVANÇO, TADDEI e GAGLIANONE, 2001). Com base nisso, urge a necessidade de investigar a EN desenvolvida em escolas, pois este tema é de suma importância na formação de um cidadão saudável e preparado para transpor os obstáculos impostos por este mundo contemporâneo. Desta forma, este trabalho buscou investigar como a EN é trabalhada por professores de Ciências de escolas municipais de Aracaju-SE.

Para respondê-la, traçamos um plano de ação metodológico que utilizou como ferramenta de dados a entrevista com dez professores de Ciências que ministram aulas de EN no ensino fundamental, tendo uma duração média de 20 minutos cada. Quanto aos dados, utilizamos as seguintes categorias de análise: formação inicial ou continuada dos professores, metodologias utilizadas por eles nas aulas de EN, conceitos básicos de nutrição, questões curriculares do ensino fundamental e aproximação com a realidade do aluno.

FORMAÇÃO EM NUTRIÇÃO DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS

Buscando investigar como se desenvolve a EN pelos professores de Ciências em escolas municipais de Aracaju-SE, serão analisados, a partir de agora, os resultados obtidos nas entrevistas feitas aos dez professores de Ciências do ensino fundamental. A primeira pergunta feita aos professores foi quanto à participação em algum curso no ramo da EN. Foi

evidenciado que 7 dos entrevistados nunca participaram de um curso de capacitação no ramo da EN. Destes, apenas dois professores confirmaram que não sentem necessidade em fazer algum curso nesta área, pois, todas as dúvidas que surgem, conseguem respostas em alguma fonte de pesquisa. Porém, os outros cinco professores admitem precisar de capacitação em EN, porque a dificuldade em criar aulas dinâmicas é muito grande e as fontes de pesquisas mais comuns – internet, livros didáticos e revistas – deixam a desejar.

Entretanto, estes mesmos professores que reconhecem a necessidade da capacitação atribuem diversos obstáculos para não participar em cursos de EN. Entre esses motivos, os mais citados foram: a falta de tempo deles, as poucas ofertas de cursos em Aracaju, a péssima divulgação, os preços elevados e as poucas vagas disponíveis quando o curso é gratuito ou apresenta uma taxa com valor acessível. Como pode-se perceber nos comentários:

“(...) nunca fiz nenhum curso de capacitação sobre nutrição, mas tenho muita vontade de fazer. Só não faço porque não tenho tempo.”

“(...) acho a EN muito importante, mas nunca sei quando vai ter um curso de capacitação e quando vou o valor é muito alto para a minha condição.”

Em contrapartida a esses professores, 3 dos entrevistados afirmaram ter feito um curso de capacitação no ramo da EN e estes argumentaram que a participação em cursos específicos nesta área: facilita o entendimento sobre a relação dos alimentos para a promoção de saúde, os tornam atualizados sobre os benefícios nutricionais e os estimula a criatividade para preparar aulas mais interessantes e menos repetitivas para as diferentes faixas etárias. Um dos entrevistados comenta as vantagens da capacitação:

“(...) fiz um curso à distância com o Professor Dr. Nélio Bizzo e foi muito proveitoso. Acredito que as minhas aulas sobre Nutrição ficaram mais interessantes. Os alunos passaram a perguntar e a trazer dúvidas alimentares de casa.”

Diante dos resultados expostos fica evidenciado que a capacitação de professores em EN é de suma importância e deve sempre acontecer. Isto porque, para que o professor se transforme em agente promotor de hábitos alimentares saudáveis é essencial que possua, além de uma postura consciente de sua atuação na formação dos hábitos alimentares do aluno, o conhecimento dos preceitos teóricos de dieta equilibrada (DAVANÇO, TADDEI, GAGLIANONE, 2004).

A segunda pergunta realizada aos professores foi quanto ao sentirem-se ou não preparados para ministrar aulas de EN, objetivando relacionar suas respostas com as da questão anterior. Então, 3 dos professores não se sentem preparados para ministrar aulas de EN. Desses, um deles fez um curso de capacitação nesse ramo, entretanto, ainda se sente um pouco inseguro ao ministrar aulas de nutrição, mas garante que suas aulas tornaram-se mais

dinâmicas e os alunos começaram a perguntar bastante sobre o tema e a participar ativamente das aulas práticas que ele inseriu no programa após essa capacitação. Já os outros dois professores nunca utilizaram experimentos nas aulas de nutrição, apenas apresentam aos alunos as informações que estão escritas no livro didático:

“(...) claro que estou preparado para ensinar assuntos referentes à nutrição. Os assuntos são simples e o que tem no livro didático é o suficiente.”

“(...) Estou preparado para abordar assuntos sobre EN. Dou apenas o que está no livro, porque não há laboratório para realizar experimentos.”

Porém, dos sete professores que afirmaram serem preparados, apenas quatro deles realizam experimentos diversificados sobre EN em diferentes séries, buscando diferentes recursos didáticos para abordar este tema e, sempre que necessário, trabalham temas atuais relacionados à nutrição em sala de aula, independente do cronograma a ser seguido. Isto é percebido nas palavras, citadas a seguir, de um dos entrevistados:

“(...) Sim, me sinto preparado para ensinar EN. Realizo diversos experimentos com alimentos e utilizo recursos didáticos diversificados como cartazes, feiras de Ciências, merenda escolar e cantina.”

O fato deles – cinco professores – acreditarem que devem ser criadas estratégias de ensino que facilitem a compreensão do aluno acerca da EN, faz com que contribuam na formação de um ser crítico e apto a realizar as escolhas corretas por alimentos saudáveis visando à promoção de saúde, o prazer e o convívio social (BOOG, 2004). Para Pipitone *et al.* (2003), o professor de Ciências deve manifestar maior incentivo para atualizar-se sobre os diversos assuntos, para poder inovar nas estratégias de ensino e aprendizagem. De forma oposta, os outros cinco professores que não buscam isso nos faz questionar quanto à qualidade da EN desenvolvida.

A terceira pergunta feita aos professores objetivou conhecer qual a finalidade da EN em sala de aula para eles. Assim, constatou-se que todos os professores entrevistados, espontaneamente e utilizando termos próprios, foram unânimes ao responder que a EN tem como objetivo promover saúde e bem-estar e, conseqüentemente, atua na prevenção de doenças. Isso pode ser observado a seguir:

“(...) a EN tem como objetivo sensibilizar os alunos para que eles tenham uma alimentação saudável, fazendo com que perceba as conseqüências de uma boa e de uma má alimentação, visando saúde e bem-estar. Ela também serve para incentivar o aluno a realizar a atividade física unindo com alimentação saudável, e aí sim, ter uma melhor saúde e sentir-se bem.”

“(...) a EN irá esclarecer os estudantes sobre a importância de uma alimentação equilibrada, a composição do nutriente na formação do indivíduo saudável como todo. Lembrando que estas aulas não têm o poder de modificar 100% da opção

alimentar feita por todos os alunos, pois existem outros fatores que influenciam como o fator econômico, o costume e a preferência do indivíduo”

Eles evidenciaram que esta vai sensibilizando aos poucos os alunos, pois há diversas barreiras que dificultam a aprendizagem e a mudança do hábito alimentar. Entre eles, temos o fator econômico e cultural, as crenças, a insistência das diversas propagandas de alimentos nas redes de comunicação e o próprio gosto diversificado de cada indivíduo. Então, estes educadores concordam com Ferreira e Magalhães (2007) que a EN diz respeito a um processo de aprendizagem e não de adestramento.

CONCEPÇÕES E IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL

Apenas dois professores associaram o objetivo da EN com a atividade física. Eles afirmaram que também estimulam os alunos à prática da atividade física diariamente. Entretanto, dois professores dos outros oito alegaram que na escola que trabalham não existe um projeto de multidisciplinaridade e, por esta razão, não falam sobre a atividade física para não invadir a área do colega de trabalho, como é possível verificar:

“(...) não incentivo os meus alunos à prática do desporto, porque isto é responsabilidade do professor de Educação Física.”

“(...) não é função do professor de Ciências estimular o aluno à atividade física, mas do professor de Educação Física.”

A atividade física deve está inserida nas aulas de nutrição para que os alunos entendam que esta união é necessária e benéfica à saúde, pois aumenta o gasto energético, dá maior coordenação motora, melhora a capacidade cardiorrespiratória, diminui o estresse e o risco de doenças como, hipertensão, obesidade e diabetes. Entretanto, para uma vida saudável, é necessário aliar o exercício físico a uma dieta balanceada, contendo alimentos de todos os grupos e nas quantidades adequadas. Desta forma, incluir a atividade física é uma atitude muito inteligente e eficaz no combate às diversas doenças, nas discussões sobre regimes alimentares e para a busca de um corpo perfeito (PIPITONE *et. al*, 2003).

A quarta pergunta avaliou o grau de importância atribuída à EN como conteúdo do ensino fundamental, pelos professores. Aqui, esperávamos conhecer também quais as razões dessa importância. Todos os professores entrevistados responderam que a EN é muito importante e deve sim constar no conteúdo programático de todas as séries do ensino fundamental, como indica essa fala:

“(...) a EN é muito importante porque ajuda essencialmente as pessoas a viver bem. Você conhece a informação correta sobre os alimentos, ensina a todos que fazem parte do convívio e tem consciência da opção feita, seja ela vantajosa ou não.”

Para os docentes pesquisados, a EN leva o conhecimento ao aluno, que transmite aos seus pais, irmãos e colegas tornando-os aptos a realizar suas escolhas. Benéficas ou não, as atitudes alimentares desses sujeitos passaram a ser intencionais e se desenvolverão a partir do processo de socialização. Isto se faz necessário porque a EN deve ser aplicada na vida das pessoas desde a infância, pois ajuda a criar hábito alimentares saudáveis.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL

A quinta questão da entrevista buscou conhecer em que eles se baseiam para organizar suas aulas de EN. Conforme os resultados, oito professores associaram a pergunta à fonte de onde eles tiram a informação. Dentre os entrevistados, cinco afirmaram que a Internet, o livro didático e as revistas servem como base para elaboração das aulas de EN. Eles justificaram que estas três fontes reunidas são suficientes para unir assuntos da atualidade com conceitos específicos que irão contribuir para uma aprendizagem sistematizada e motivadora, pois haverá uma demanda maior de assuntos e experimentos a serem trabalhados em sala de aula. Todos estes cinco professores afirmaram realizar experimentos diversificados nas séries em que eles trabalham e um cuidado acerca dos temas inseridos na EN, tais como, obesidade, desnutrição e preferências alimentares dos seus alunos.

Do total de entrevistados, dois optaram apenas pelo livro didático, demonstrando ou uma certa desimportância e incapacidade para com o tema ou um indício de que suas aulas, em geral, ocorrem dessa forma. Do mesmo modo, um professor restringiu-se a uma única fonte de pesquisa, optando apenas pela internet. Diante dos argumentos prestados pelos professores que utilizam apenas uma fonte de pesquisa, fica evidenciado o descaso no preparo das aulas de EN. Para eles, o mínimo feito é o suficiente para a aprendizagem dos discentes. No entanto, é importante frisar que a junção de várias fontes de pesquisa para elaboração das aulas de EN é de grande relevância porque uma única fonte de pesquisa deixa apenas resquícios, ou seja, o mínimo de informação no termo teórico, pois o conteúdo didático é quase sempre repetitivo e não motivam os escolares (PIPITONE et. al., 2003).

Ao afirmar: “(...) as aulas de EN que dou são organizadas inicialmente pelos assuntos trazidos pelos alunos, ou seja, a realidade do aluno é fator primordial. Depois, interajo estes com dados trazidos de outras fontes, como livros e Internet”, este e outro professor demonstra utilizar a realidade do aluno para elaborar as aulas de EN. Assim, Pipitone et. al. (2003) destacam ser importante mesclar a realidade do aluno com outras fontes de pesquisa para tornar a aula participativa e amparada cientificamente. Cabe ao professor

sistematizar o conteúdo de forma a envolver o aluno em seu processo de aprendizagem, com base nos conceitos espontâneos e empíricos já trazidos por este até o conhecimento da Ciência como resposta a questões e problemas da realidade

Como geralmente é abordado esse tema em sala de aula, foi a sexta questão da entrevista. Esta foi dividida em três sub-questões, sendo que a sub-questão “B” foi dividida em outras duas sub-questões. Nelas, queríamos saber: 6A – em que momento; 6B₁ – qual recurso didático utilizado; 6B₂ – utiliza a cantina ou a merenda escolar como recurso didático, e 6C - quais séries se trabalham este tema.

Os dados correspondentes a questão 6A apontam uma mesma proporção entre os professores que abordam o ano inteiro e os que só abordam quando estão programados os temas de EN com os seus alunos. É importante ressaltar que os temas devem ser sempre debatidos em sala de aula, independente de está ou não inseridos no conteúdo da aula a ser seguido no dia. Isto porque, a alimentação exerce papel significativo sobre os atos diários e, caso o professor não aproveite a ocasião em que suscitaram dúvidas sobre o tema, corre-se o risco do aluno perder o estímulo.

A questão 6B₁ busca conhecer quais os recursos didáticos utilizados pelo professor ao abordar temas de EN. Foi perceptível que a grande maioria procura uma estratégia de ensino que facilite o entendimento do assunto e os estimule a participar efetivamente das aulas. Dos professores entrevistados, cinco utilizam Internet, livro didático e revistas como recurso didático, dois confeccionam cartazes, os expõe e realizam debates. Enquanto que um organiza feiras de ciências junto aos alunos e um outro não utiliza nenhum recurso para desenvolver a EN. Diante do exposto, é importante frisar que o recurso didático utilizado pelo professor deve ser provocativo e não meramente contemplativo, deve enfatizar imagens e esquemas didáticos que levem a pensar e não a imprimir conhecimento pronto e deve ser coerente com as seguintes premissas: dialogal, significativa, problematizadora, transversal, lúdica, construtivista e que cultive a construção de cidadania (BIZZO e LEDER, 2005).

Na questão 6B₂, indagamos se os professores já utilizaram a cantina e/ou a merenda escolar como recursos didáticos ao abordar temas de EN, visto que estas se constituem como recursos didáticos acessíveis a qualquer professor da rede pública de ensino. Ao mesmo tempo, são recursos com grande potencial para desenvolver essa abordagem. Então, dos entrevistados, sete professores nunca utilizaram cantina e/ou merenda escolar como recursos didáticos. Sendo que apenas dois deles já pensaram em utilizá-las, mas nunca esta vontade foi colocada em prática, justificando-se *“porque fica muito difícil encostar-se na cantina com muitos alunos e controlá-los.”*

Nenhum dos sete professores nunca abordou em sala de aula questões sobre o lanche vendido ou sobre o lanche dado pela escola. Para eles, estes dois recursos têm relação com a aula de EN, mas é difícil deslocar os alunos para estes dois locais e mantê-los atentos a aula, já que não estarão limitados pelas paredes da sala. Entretanto, três professores dão ênfase a questões relacionadas à cantina e/ou merenda escolar. Um desses três professores afirmou que algumas vezes não consegue controlar os alunos fora da sala de aula, então leva questões referentes a estes dois recursos para os discentes discutirem no momento da aula:

“(...) Sempre utilizo cantina e/ou merenda escolar, pois é fundamental para que os alunos tenham consciência da opção feita por eles. Eu os levo a cantina e a cozinha para discutirmos assuntos referentes à EN.”

A escola é um excelente ambiente para contextualizar questões referentes à EN, porque nas cantinas e na merenda escolar, crianças e adolescentes possuem a oportunidade de selecionar os alimentos a consumir. Destaca-se que o fato desses escolherem os alimentos não é um problema, desde que seja previamente e devidamente orientado. A cantina e/ou merenda escolar são considerados instrumentos pedagógicos, não apenas por fornecer uma parte dos nutrientes que o escolar necessita diariamente, mas por estimular a integração de temas relativa à nutrição ao currículo escolar (COSTA, RIBEIRO e RIBEIRO, 2001).

Na pergunta 6C, desejávamos entender em que séries do ensino fundamental o professor insere aulas de EN. Os dados demonstram que nove entrevistados abordam a EN apenas no 6º e 8º anos, porque seguem o conteúdo que é determinado pelo livro didático. Apenas um professor aborda a EN em todas as séries, e exemplificou da seguinte forma: *“(...) na 5ª série quando estou dando o assunto verminoses e água. Na 6ª série é mais difícil, mas quando abordo o assunto plantas incluo o tema. Na 7ª série quando dou sistema digestório. E na 8ª série quando o assunto é elementos químicos também abordo este tema.”* A importância da EN para consolidação de bons hábitos alimentares é imprescindível no âmbito escolar nas quatro séries do ensino fundamental maior. Desta forma, os conteúdos abordados no âmbito da EN devem estar distribuídos nos quatro ciclos, de acordo com os PCN (BRASIL, 1998).

A sétima pergunta da entrevista foi relativa à possíveis situações difíceis que os professores já passaram ao ensinar este tema. Nela, objetivamos conhecer se os professores de Ciências estão atentos ao público ao qual se desenvolvem esses temas de nutrição. Além disso, buscamos por evidências que caracterizem melhor as circunstâncias de sala de aula. Nesta questão, nove professores afirmam que nunca passaram por alguma situação difícil ao abordar temas de EN em sala de aula. Desses nove professores, apenas um deles afirmou que os alunos nada perguntam, sendo que este mesmo professor foi quem afirmou não utilizar

nenhum recurso didático nas aulas de nutrição. Isto acontece talvez pelo fato do professor não aplicar nenhuma estratégia de ensino para tornar a aula participativa e, assim, não há motivação por parte dos alunos em relação ao tema de EN (PIPITONE et. al., 2003).

Um professor afirmou ter dificuldade em responder questões de EN aos seus alunos. Então, ele pesquisa na internet, em livros didáticos e revistas para no dia seguinte esclarecer melhor a dúvida do aluno. Contudo, o mesmo alegou que a falta de capacitação na área de EN contribuiu para o grande número de dúvidas que não consegue de imediato esclarecer, chamando atenção para o fato de que a capacitação dos professores é uma forte arma contra as dúvidas a serem esclarecidas em sala de aula. No entanto, isto não significa que este mesmo professor sempre terá respostas a dar. Então, é importante que o educador não tenha medo das perguntas trazidas pelos discentes e que as aulas estimulem bastante o aluno a questionar. Assim, o tema fica interessante e o docente estará contribuindo para o educando desenvolver o poder de criticidade. Caso não se tenha a resposta de imediato, o correto é ser honesto e garantir ao aluno uma pesquisa maior sobre o assunto para depois explicá-lo.

Com a oitava questão, tínhamos a finalidade de conhecer quais experimentos são adotados quando os professores abordam a EN nas séries citadas em questão anterior. Foi possível observar que quatro dos entrevistados modificam os experimentos levando em consideração a evolução do processo cognitivo dos alunos de cada série, ou seja, os temas de EN vão se tornando mais complexos e profundos à medida que eleva a série em que ele se encontra. Isso pressupõe uma elevação do estágio de maturidade para poder entender determinado assunto, como pode ser observado nos trechos descritos abaixo:

“(...) nas 5ª séries trabalho a EN de maneira geral, não sou muito específica, então utilizo a confecção de cartazes e mural sobre os benefícios dos alimentos e as desvantagens dos exageros. Já nas 7ª séries eu realizo testes da presença do amido, da glicose e de lipídios. Aí a contextualização é mais profunda, porque os alunos têm um entendimento maior.”

“(...) o trabalho de EN na 5ª série é mais leve. Levo alimentos para sala de aula, preparo e discuto sobre os nutrientes contidos neles. Mas, na 7ª série aprofundo o assunto. Preparo com eles tabela nutricional e realizo identificação de nutrientes.”

Enquanto que os outros quatro professores responderam que não aplicam nenhum experimento nas séries em que ministram aulas. Eles afirmam que o livro didático é o suficiente para que os alunos aprendam e para que a aula se torne motivada, como destacado a seguir: *“(...) não utilizo nenhum recurso didático, porque eles (os alunos) não querem nada. Então dou apenas o que está nos livros, pois é o suficiente para que façam a prova”*. É sabido que o livro didático é um importante instrumento pedagógico, onde a sua confecção exige anos de estudos e pesquisas. O mesmo consolida informações de grandes livros

clássicos para possibilitar o processo de intelectualização, contribuindo para a formação social e política do indivíduo. Porém, isto não significa que o mesmo exclui os demais recursos didáticos e seja suficiente no processo de aprendizagem. A utilização do livro didático atrelado aos demais recursos didáticos, principalmente à realidade do aluno, contribui para que o processo de aprendizagem seja significativo e motivador.

Os outros dois professores utilizam o mesmo experimento para as diferentes séries. É importante ressaltar que, para o conhecimento se tornar relevante, torna-se necessário que o mesmo esteja vinculado à vida diária do aluno, que colabore na compreensão do seu cotidiano e que abra possibilidades de intervenção sobre eles. Assim, repetir conteúdos programáticos em séries subseqüentes é contrariar a evolução (PIPITONE *et. al.*, 2003). Desta forma, os experimentos não servirão para habituar os alunos a construírem os seus próprios conceitos científicos a partir da observação da realidade (BIZZO E LEDER, 2005).

QUANDO O CONTEXTO DO ALUNO ADENTRA A AULA

A nona questão foi uma pergunta-problema realizada da seguinte forma: “uma adolescente de 13 anos chegou à sala de aula e informou ao professor que o médico havia dito que ela estava com sobrepeso e anemia. Por confiar muito em seu professor ela o procurou e perguntou o que deveria fazer após aquele diagnóstico”. Conforme os resultados, quatro professores desconhecem conceitos básicos sobre nutrição, como foi explicitado nesse comentário: “(...) *não saberia explicar o que é sobrepeso, mas sobre anemia saberia*”. Os conceitos sobre nutrição têm uma grande influência no cotidiano dos discentes e, por isso, devem ser sempre contextualizados nas aulas. Isso pede reforço ainda maior em se tratando do sobrepeso, visto que é uma predisposição à obesidade, doença esta que vem aumentando o número de pessoas acometidas e é fator preponderante para o aparecimento de outros males.

Além de não conhecer o que é sobrepeso e de não indicar atividade física por achar que isto não é função do professor de Ciências, estes professores indicaram ainda o consumo de alimentos ricos em ferro, onde os mais citados foram beterraba e feijão. Entretanto, não indicaram a quantidade e nem o consumo de vitamina C, composto responsável em tornar o ferro apto a ser absorvido pelo organismo, ou seja, torná-lo quelado.

“(...) em um caso como este eu indico alimentos que contenham nutrientes ricos na cura da anemia, por exemplo, a beterraba.”

“(...) não sei o que é sobrepeso, mas orientaria a adolescente a comer bastante beterraba e feijão. Mandava comer mais salada.”

Dos entrevistados, seis enfatizaram que a aluna deve seguir as orientações médicas e procurar um nutricionista. Isto porque, o nutricionista é o profissional indicado a preparar um cardápio correto para atender as necessidades do paciente. No caso em questão, ele irá preparar uma dieta de baixo valor calórico, já que a aluna está com sobrepeso e rica em ferro, pois a mesma está com anemia ferropriva. Em seguida, estes seis professores explicariam à jovem o que é sobrepeso e anemia ferropriva, como evitá-los e os males que podem vir a causar. Para finalizar, contextualizariam os dois temas, citando alguns alimentos que contribuem para o estado de sobrepeso e alimentos que ajudam na cura deste:

“(...) primeiro ênfase que ela deve seguir as orientações médicas e procurar um nutricionista. Em seguida, explico o que é sobrepeso e como reduzir o peso; e o que é e como evitar a anemia ferropriva. Sugiro também alguns alimentos que podem variar o cardápio da aluna.”

Entretanto, desses seis professores, apenas um estimularia a aluna a praticar atividade física continuamente, pois acredita que esta seja a fórmula correta para a promoção de saúde. Como destacado nesse trecho: *“(...) é necessário que ela siga as orientações médicas junto ao nutricionista. A minha parte é explicar em sala do que se trata e como evitar o sobrepeso e a anemia. Em resumo, é preciso reeducação alimentar e atividade física”*. Esta constitui-se na fórmula correta para a promoção de saúde. É necessário inserir sempre nas aulas de EN à prática da atividade física, lembrando que uma depende sempre da outra para se ter êxito na busca pelo bem-estar.

O professor através das diversas estratégias de ensino deve utilizar a vivência do aluno como alicerce para os diversos temas que serão abordados nas aulas de nutrição e fundamentá-las com conhecimentos científicos, pois esta aula terá o poder de prevenir doenças, de promover saúde e de conduzir o aluno a realizar escolhas conscientes. A aproximação e a confiança que o aluno possui com o professor na maioria das vezes é muito maior quando comparada a outro adulto. Por esta razão, um aconselhamento nutricional é o processo pelo qual o discente é auxiliado a selecionar e implementar comportamentos desejáveis de nutrição e estilo de vida, ocasionando mudanças em seu comportamento nutricional e aquisição de conhecimentos sobre nutrição (MENDONÇA, 2006).

Dando continuidade à entrevista, a décima questão foi sobre o planejamento do conteúdo das aulas de EN. Os conteúdos devem ou não levar em consideração o fato do aluno ser muito pobre e freqüentar a escola com o único intuito de comer a merenda escolar. Com as respostas, verificamos que todos os professores abordariam o conteúdo completo que envolva a EN, inclusive a pirâmide alimentar, independente do fato do aluno ir ou não à escola com o único intuito de comer a merenda escolar, indicando que não possui alimentos suficientes em

seu lar. Desses, dois argumentaram que não há este problema na suas escolas, mesmo estas escolas serem localizadas em um bairro muito pobre da cidade estudada.

A realidade não seria aquela em que os professores não observam melhor os alunos da instituição em que trabalham? Afinal, em uma escola localizada na periferia do município de Aracaju, onde há uma grande incidência de filhos de desempregados ou com renda muito baixa, sendo comum encontrar alunos pobres e/ou desnutridos que freqüentam a escola com o único intuito de comer a merenda escolar. Os professores devem entender que é muito importante se conhecer aspectos da vida dos alunos, para que as vivências dos discentes possam servir de dicas para propostas pedagógicas, aproveitamento de habilidades e interesses para dinamizar mais as aulas, em qualquer que seja o conteúdo ministrado

De todos os entrevistados, um explicaria todo o conteúdo programado, pois não sabe informar se este problema existe entre os seus alunos. Este professor atribui o melhor conhecimento sobre a realidade do educando aos professores polivalentes, justificando que estes ficam mais tempo com os discentes, como pode-se observar no comentário a seguir:

“(...) é uma situação muito difícil. Esta identificação é mais fácil para os professores da 1ª a 4ª série, os polivalentes, porque eles ficam muito tempo com os alunos.”

Esta é uma resposta um tanto conflitante. Isto porque, para que o professor mostre alternativas alimentares a todos os alunos faz-se necessário que o mesmo conheça a realidade dos alunos. É imprescindível que haja uma relação pedagógica aluno-professor capaz de atrair a atenção do educando para as aulas. Uma maneira de instigar a participação do aluno é conhecer a vida deles e incluir esta realidade nos conteúdos, tornando a aprendizagem significativa. Sendo que, para isto acontecer, é necessário que o professor invista um pouco do seu tempo no conhecimento do mundo econômico, social e cultural do seu aluno.

Enquanto que quatro professores responderam que dão todo o conteúdo, justificando que devem cumprir o que foi planejado no início do ano. Isso nos faz lembrar que não adianta apenas transmitir todos os assuntos para cumprir questões burocráticas. Para que haja aprendizagem, faz-se necessário contextualizar os assuntos, interagir com os discentes e buscar experiências do cotidiano deles para relacionar com os temas abordados.

O interessante é aliar o conteúdo à realidade do aluno para que se desenvolva o poder de criticidade. Porém, essa realidade não está totalmente atrelada aos assuntos de EN trazidos pelos livros didáticos seguidos pelos professores. Um exemplo disso é a presença da pirâmide alimentar que sugere o consumo de alimentos que, geralmente, não faz parte do cardápio do aluno. Então, é relevante ensinar ao discente temas abordados pela EN de modo que não sejam desqualificados e traduzidos como distante da realidade deles. Assim, é sabido que o

professor é um agente motivador e transformador do comportamento alimentar dos seus alunos, mas para que isto aconteça o mesmo deve produzir informações significativas que sirvam como subsídios para auxiliar a tomada de decisões e tornem os alunos providos de direitos e convocados a ampliar o seu poder de escolha e decisão (SANTOS, 2005).

A décima primeira referia-se ao conhecimento dos professores sobre alimentos energéticos, construtores e reguladores que sejam da preferência dos seus alunos. Nesse momento, tivemos o intuito de buscar evidências que comprovassem o grau de conhecimento que eles possuem sobre a realidade dos discentes. Sobre esta questão, sete professores disseram conhecer a preferência alimentar dos seus alunos, porém nenhum deles soube classificar esses alimentos como energéticos, construtores e reguladores. É possível perceber isso em alguns trechos transcritos:

“(...) sim, conheço a preferência dos meus alunos. De acordo com que eu vejo, eles preferem o pastel e o caldo de cana ao invés da maçã. Ah! Para falar a verdade não lembro quais desses são energéticos, construtores e reguladores.”

“(...) é fácil. Chitos, bala, chiclete, cachorro-quente, sorvete, arroz com feijão e frango. A dieta é totalmente errada.”

Foram apenas citados os alimentos mais consumidos, como o pastel, o caldo de cana, à bala, o chitos, o cachorro-quente, o arroz, o feijão, o frango e o sorvete. Entretanto, não foi atribuída nenhuma função aos mesmos ou contextualizados com os temas de nutrição. Demonstra-se, com isso, que a EN desenvolvida apresenta-se deficiente, pois dever-se-ia orientar o indivíduo para aquisição de hábitos alimentares adequados. Porém, para isto, o professor precisa ter como base uma gama de conhecimentos científicos que sirvam como alicerce dos assuntos a serem trabalhados na aula. Pois, segundo Boog (2004), educar, no âmbito da alimentação, implica em conhecer profundamente o que é alimentação.

De forma semelhante, três professores não conhecem as preferências dos alunos. Ao afirmar: *“(...) Não sei, nunca procurei saber. Chego na hora da aula e saio às pressas para dar aula em outra escola”*, este professor lega passar pouco tempo com os alunos, ficando apenas no momento das aulas nas quais não tem interesse em conhecer os hábitos alimentares dos discentes. Uma relação tão distante entre o professor e aluno tende a dificultar a aprendizagem. É necessário que o professor organize o conjunto de informações de EN, tanto trazidas pelos livros como as trazidas pelos alunos, para facilitar o encontro entre o sujeito que aprende e o conhecimento a ser aprendido (COSTA, RIBEIRO e RIBEIRO, 2001).

A décima segunda pergunta foi relacionada à forma como os professores classificariam seus alunos de acordo com o peso. Nas escolas pesquisadas, nove docentes afirmaram que prevalecem alunos com o peso normal. Apenas um professor disse que há

maior incidência de obesos, atribuindo este fator à ingestão medicamentos controlados, já que ensina para alunos especiais. Mesmo não estando relacionado ao hábito alimentar, discute em sala de aula sobre estes assuntos com seus discentes.

Todos os entrevistados demonstraram não saber classificar o peso do indivíduo de acordo com o Índice de Massa Corporal (IMC), apresentando mais uma deficiência conceitual nesse tema. Além desse conceito, para entender e esclarecer as reais conseqüências da obesidade e da desnutrição é preciso saber avaliar os aspectos antropomórficos dos alunos. Mas, o que acontece com os entrevistados é que, se o aluno não apresenta dentro dos parâmetros dele excesso de gordura, o aluno está em perfeitas condições físicas, independente de estar ou não desnutrido. Esses docentes atribuem o corpo saudável ao corpo magro, mas não se predispõe a fazer nenhuma avaliação dos adolescentes.

Outro caso que merece destaque, é que um deles contribui para a discriminação contra os estudantes que estão acima do peso, como evidencia-se nessa fala: “(...) *Não discuto sobre estes temas. Porque na escola não tem desnutridos e só há um caso de obesa, mas ali nem lipoaspiração dá jeito.*” A obesidade é uma doença que vem crescendo o número de pessoas acometidas a cada dia. Entretanto, as possibilidades de tratamento também vêm aumentando. Então, o aceitável é procurar formas de contornar este mal e não excluir quem está com o problema ou ridicularizá-lo.

Dos nove que afirmaram que os alunos têm o peso normal, seis discutem sobre temas referentes à obesidade e ao baixo peso. Fato importante, pois o professor deve discutir sobre esses dois temas para que as informações incorretas vinculadas pelas fontes de comunicação não tenham nenhum valor contextual. Entretanto, três professores que afirmam que seus alunos apresentam peso normal, não discutem sobre esses assuntos. Mesmo que não haja caso de desnutrição ou obesidade na sala de aula, é importante explicar sobre esses assuntos para que os discentes entendam como solucionar estes problemas tão comuns e não discriminar (PIPITONE *et. al.*, 2003).

CONCLUSÃO

Embora a pesquisa tenha sido aplicada a Licenciados em Ciências Biológicas, foi evidenciado o despreparo destes professores do ensino fundamental em planejar e ministrar as aulas de EN, mesmo sendo avaliada como relevante por eles. Com isto, faz-se necessário a promoção e a participação destes, em cursos de formação, para que estes docentes se transformem em verdadeiros agentes promotores de hábitos saudáveis. Além disso, as aulas são preparadas sem que a realidade do aluno seja levada em consideração, dificultando, assim,

o processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, o discente desconsidera a relevância do assunto por entendê-lo como distante do seu mundo e direciona a atenção a outras questões.

Ao mesmo tempo, foi possível perceber que há um conformismo habitual, por parte dos professores, no que se refere ao desinteresse dos alunos pelos temas de nutrição. Sendo atribuída a culpa deste fracasso ao próprio estudante e não à falta de estratégias de ensino, ao abismo existente entre o professor e o aluno, a mesmice nos experimentos e recursos utilizados nas aulas, a falta de preparo dos professores em discutir temas alimentares atuais e a uma base de conhecimentos científicos deficitária. Conditas estas observadas no discurso da maioria dos entrevistados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIZZO, M. L. G.; LEDER, L. (2005) Educação nutricional nos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental. *Revista de Nutrição*. v.18, n.5, Campinas. p.661-667.

BOOG, M. C. F. (2004) Educação nutricional: por que e para quê. *Jornal da UNICAMP*. Campinas. 2004 p.2.

BRASIL. (1998) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos, apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF.

COSTA, E. Q.; RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, E. C. O. (2001) Programa de Alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. *Revista de Nutrição*. v.14, n.3, Campinas: dez. 2001 p. 225-229.

DAVANÇO, G. M.; TADDEI, J. A. A. C.; GAGLIANONE, C. P. (2001) Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. *Revista de Nutrição*. v.17, n.02, Campinas: jun. 2004 p.177-184.

FERREIRA, V. A.; MAGALHÃES, R. (2007) Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais. *Caderno de Saúde Pública*. v.23, supl.7, Rio de Janeiro: jul. 2007 p.1674-1681.

LEME, M. J. P.; PERIM, M. L. F. (1997) *1,2... Feijão Com Arroz. Educação Alimentar*. Campinas: Mercado de Letras.

MENDONÇA, D. R. (2006) Importância da Educação Nutricional. *Sociedade Brasileira de Diabetes* Disponível em: <http://www.diabetes.org.br/Colunistas/Nutricao_e_Ciencia/index.php?id=1005>. Com acesso em: 09 de jul de 2008.

PIPITONE, M. A. P.; SILVA, M. V.; STURION, G. L.; CAROBA, D. C. R. (2003) A educação nutricional no programa de ciências para o ensino fundamental. *Saúde em Revista*, Piracicaba, v. 5, n.9, p. 29-37.

RAMALHO, R. A.; SAUNDERS, C. (2000) O Papel da Educação Nutricional no Combate às Carências Nutricionais. *Revista de Nutrição*. v.13, n.1, Campinas: abr. p.11-16.

SANTOS, L. A. S. (2005) Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. *Revista de Nutrição*. v.18, n.5, Campinas: out. p.681-692.